

## **EIXO 5: (AUTO)BIOGRAFIA, LITERATURA E HISTÓRIA**

### **A ESCRITA DE SI E DA HISTÓRIA NO RELATO DE UMA PROFESSORA SOBRE SUAS PRÁTICAS**

Jaqueline Oliveira dos Santos

FEUSP

jaqueline.osantos@usp.br

Ruth<sup>1</sup> recebeu-me em sua casa numa tarde de julho para conversarmos: lá estavam sua irmã e também sua cachorra de estimação. Em seguida chegaram seu esposo e uma de suas filhas - um final de tarde característico de sua família. Lanchamos, conversamos e iniciamos a entrevista já no início da noite, mas não sem antes mostrar a ela o exemplar de *Lolo Barnabé* - que seria um dos temas centrais de nossa entrevista. Ao folhear o livro emocionou-se e comentou como era bom revê-lo e relembrar a história, assim, com o livro na mão. Também se propôs a lê-lo para mim e seu esposo, que não conhecia a história. Ao fazê-lo enfatizou alguns marcos expressivos do livro, destacou algumas ilustrações, comentou passagens: uma situação de leitura que, provavelmente, aproximou-se daquelas vividas por ela ao longo de sua carreira na educação infantil. Ao final da leitura iniciamos a entrevista.

O presente texto propõe-se a tecer algumas considerações sobre as relações estabelecidas por Ruth entre suas práticas enquanto professora, uma obra literária e o ensino de História para crianças pequenas. Investigar suas práticas de ensino, aproximar-se da compreensão elaborada por ela em seu cotidiano enquanto professora, suas escolhas e relações com os recursos utilizados com os alunos nas atividades propostas. Para tanto, busquei na abordagem (auto)biográfica um caminho de pesquisa e teorização nessa tentativa de compreender e falar sobre as práticas e os saberes da docência que por meio delas se constitui (NÓVOA, 2000, p.21). Tais esforços de investigação sobre as práticas docentes de professoras de educação infantil e o ensino de História para crianças pequenas são parte da pesquisa de mestrado realizada por mim sob orientação da Profa. Dra. Dislane Zerbinatti Moraes.

---

<sup>1</sup> Nome fictício de modo a garantir o anonimato da entrevistada.

## **Lolo Barnabé e sua autora, Eva Furnari**

*Lolo Barnabé* é livro publicado pela primeira vez em 2000, de autoria de Eva Furnari. Tal autora nasceu em 1948, na Itália, e mudou-se para o Brasil aos dois anos de idade. É formada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo e trabalhou como professora de Artes no Museu Lagar Segall na década de setenta do século passado. Em 1980 publicou seu primeiro livro e desde então escreveu 60 obras, diversas delas premiadas pela crítica especializada. Alguns livros foram traduzidos e publicados em países como Bolívia, Itália e México, dentre outros, além de ganhar adaptações ao teatro, como *Lolo Barnabé*.

Trata-se de um livro que integra uma coleção chamada *Coleção do Averso* (antes chamada *Coleção O avesso da gente*). *Lolo Barnabé* possui 32 páginas ilustradas por Furnari e narra a trajetória de uma família que nasceu há muito tempo: Lolo, sua esposa Brisa e seu filho Finfo. Eles moravam em uma caverna e viviam satisfeitos até darem-se conta de algumas necessidades: é quando a família mostrará seu potencial criativo, especialmente Lolo. Essa trajetória é marcada por diversas mudanças, nas quais a autora apresenta transformações de ordem tecnológica, cultural, nos âmbitos do trabalho e lazer. Através do tempo de vida desses personagens vemos um longo movimento de fatos e inovações desde a chamada pré-história até a contemporaneidade. A passagem do tempo não é explicitada na narrativa, mas apreendida por conta das mudanças citadas anteriormente.

O texto tem como uma de suas características marcantes o uso de uma expressão que se repete e marca um contraponto à situação anterior que se mostrava harmoniosa e, por outro lado, apresenta um novo desafio e sua solução possível.

"Lolo pensou bastante, trabalhou muito e inventou a cama. Como todos sabem, Lolo era caprichoso, e já inventou a cama com colchão, lençol, cobertor e travesseiro.

Brisa ficou encantada, principalmente com o travesseiro, que era a coisa mais macia do mundo.

Todos ficaram felizes... mas nem tanto.

Como eles almoçavam e jantavam em cima da coisa macia, a cama, estavam sujando muito os lençóis.

Lolo, então, inventou a mesa." (FURNARI, 2002, p. 13).

O ritmo do texto marcado por essa expressão indica mudanças ou pontos de tensionamento, abre a possibilidade de antecipação às crianças de uma mudança nos rumos da narrativa - além de conferir-lhe um ritmo próprio. O efeito cômico é outra leitura possível desse recurso de linguagem. Nas páginas finais há uma inversão do sentido da expressão que

até então apontava para uma situação de felicidade: sugere-se um desfecho com o anúncio de que os membros da família Barnabé "Ficaram muito infelizes... mas nem tanto." (FURNARI, 2002, p. 30).



Ilustração: família Barnabé (FURNARI, 2002, p. 6 e 7).

As ilustrações compõem a narrativa proposta pelo texto escrito e orientam a criança não alfabetizada em sua tentativa de dar sentido à história para além da leitura do professor. Assim, a ilustração na literatura infantil é um de seus elementos característicos e que possibilita outros sentidos na apreensão do texto. No caso da edição de 2002 que tomamos como documento, a edição utilizada pela entrevistada, as ilustrações estão presentes em todas as páginas do livro e estabelecem uma conversa direta com a narrativa proposta no texto escrito. Elas também auxiliam no sentido de oferecer indicativos, pistas visuais, para algumas transformações implícitas no texto, por exemplo, as mudanças no vestuário, na apresentação estética dos personagens, na organização da casa. Essas características foram identificadas e mobilizadas pela leitura de Ruth.

Hilary Cooper (2003, p. 177) comenta acerca da utilização da obra literária como recurso pertinente ao ensino sobre o passado às crianças. Haveria a possibilidade de aproximação com a percepção mais acurada sobre as mudanças e permanências ao longo do tempo, a diversidade de pontos de vista possíveis, dentre outros elementos, por meio de narrativas - que propõem por si a trajetória de um enredo, a sua progressão e alterações. Por sua vez, ao tratar do ensino de história enquanto disciplina escolar no âmbito do professor especialista, Moraes (2013) afirma que se os historiadores profissionais valem-se da imaginação histórica para buscar e atribuir sentido aos vestígios investigados, "[...] os estudantes compreendem os fenômenos históricos levando em conta experiências pessoais e recriações presentes em filmes, documentários, romances." (MORAES, 2013, p. 5). A literatura é, assim, um recurso pertinente e potente ao ensino sobre o passado aos alunos.

## **Ruth e sua formação inicial**

A entrevistada é professora aposentada da rede municipal de São Paulo há dois anos. Mineira que vive em São Paulo desde criança, tem 54 anos de idade e trabalhou na rede municipal por 27 anos como professora no ensino fundamental I e II, educação de jovens e adultos e educação infantil, cargo no qual se aposentou. Também atuou como assistente de direção durante um período curto. É casada e mãe de duas filhas já adultas. Atualmente investe em estudos relacionados à psicopedagogia, sua área recente de atuação profissional, e prepara-se para iniciar a graduação de psicologia.

O local de seu nascimento, uma das primeiras perguntas por ela respondidas, me pareceu ser uma informação importante na sua apresentação pessoal: Ruth destaca mais de uma vez sua origem na área rural da cidade de Nova Mógica, Minas Gerais.

*Ruth:* Meu nome é Ruth, tenho 53 anos... A completar agora em agosto 54. Eu nasci em uma cidade muito pequena no interior de Minas Gerais chamada Nova Mógica. Precisamente eu nasci na roça: cidade era Nova Mógica, mas eu nasci na roça. E vim para São Paulo aos nove anos de idade. Deveria cursar o terceiro ano, mas, devido à documentação, não pude frequentar o terceiro ano. Voltei a fazer o primeiro ano.

*Pesquisadora:* Entendi, então você começou o ensino fundamental em Minas Gerais...

*Ruth:* Sim, na roça.

Sugiro que a força da origem social enquanto um dos elementos estruturadores da narrativa sobre seus primeiros anos de escolarização ecoe sobre outros momentos de sua formação inicial, bem como em sua visão sobre o ofício de ensinar. A recorrência em localizar seu lugar social de origem, suas dificuldades iniciais, como o ponto inicial de sua retomada da vida escolar pode ser um indicativo que esse elemento seja, como nos propõe Josso (2006), um dos nós centrais de sua constituição pessoal e profissional. Pensar sobre os nós de uma vida, os laços e elos estabelecidos, ademais aqueles que deixaram de compor lugar central em uma existência, é investigar as ligações de ordens diversas - familiares, sociais, culturais, dentre outras.

Josso discute em seu artigo as figuras de ligação a partir de analogias estabelecidas entre elas e os nós de marinheiro. Assim, a pesquisadora nomeia e apresenta brevemente alguns nós que ligam, sustentam e auxiliam no entendimento de uma história de vida a partir da narrativa sobre. Os nós indicam, portanto, os elos: investigá-los pode auxiliar a compreensão da trama que formam, de uma rede de sentidos que sustenta e, por outro lado,

também pode aprisionar (JOSSO, 2006, p. 379). Refletir sobre essas tensões e potencialidades é uma das alternativas presentes na abordagem formativa (auto)biográfica.

A formação profissional específica de Ruth iniciou-se com o curso de magistério, opção de carreira após o cursinho preparatório para o vestibular (no qual tinha em mente, inicialmente, o curso de odontologia). Em 1985 ingressa no curso de licenciatura curta de Estudos Sociais: a escolha da habilitação, após dois anos de graduação, foi por História. Ainda em 1985 inicia sua carreira na rede municipal de São Paulo como professora de educação infantil, porém, não concursada. Como professora de História passou a atuar em 1988 na educação de jovens e adultos.

Ao narrar sua relação com a disciplina escolar História, contou-me que durante seu período de aluna na educação básica não apreciava a disciplina, pois a considerava chata e não verdadeira. Apenas no cursinho preparatório para o vestibular encantou-se com a possibilidade de estudar História, pois, segundo suas palavras, ali conheceu professores dinâmicos que apresentavam a "história verdadeira". História da América e História do Brasil eram seus recortes preferidos já que tratariam de sua origem - informação dada com ênfase em seu relato. Seu interesse por Geografia, particularmente a humana, também surgiu durante esse ano de cursinho e prosseguiu na graduação.

### **Ruth, Lolo e as crianças**

A escolha de Ruth pela obra literária *Lolo Barnabé* como um recurso desejável para o trabalho com as crianças seguiu uma série de critérios de seleção e usos. O livro compunha o acervo da unidade educacional na qual atuava: elegê-lo como uma leitura significativa diz respeito a uma seleção, uma escolha deliberada e orientada, portanto, por referenciais estéticos, didáticos, dentre outros. Abud (2010), ao tratar das potencialidades da obra literária no ensino de História, destaca algumas etapas e cuidados para a utilização consequente desse recurso. A autora cita a importância da escolha do texto literário ser condizente com a faixa etária da turma em termos de linguagem e forma, ademais a reflexão e adequação aos propósitos e pressupostos do ensino de História (ABUD, 2010, p.48). Ruth demonstra explicitamente essa preocupação ao comentar sobre seus critérios de escolha: fala sobre a qualidade do texto literário, sua beleza, a adequação da linguagem e universo narrativo à infância e ao lúdico.

Ao questioná-la sobre a escolha específica por *Lolo Barnabé*, a entrevistada destacou o que nomeou como "conteúdo" e "contexto" como elementos importantes de avaliação da obra nos seguintes termos,

Do texto e do contexto. Do texto por ser um texto bastante rico, as informações que traz; e do contexto, por ser um contexto, se você for olhar, infantil. Um contexto lúdico e você vê que é uma literatura infantil: Eva Furnari escreve para criança. Então, é uma leitura de fácil entendimento, profunda, mas de fácil entendimento. Com palavras simples, então não tem nada que a criança... Se você ler, ela vai entender, mas que traz uma profundidade. Então ele tem uma beleza. E a ilustração também é muito boa, tudo, então ele é um livro do meu agrado, completo. [...]

Para além dos critérios didáticos e estéticos, e que se articulam com a formação da entrevistada e suas preferências e pressupostos profissionais, há a dimensão que trata de modo mais direto com a questão subjetiva. Ao comentar um pouco mais longamente sobre sua identificação com essa obra literária, Ruth afirma sua identificação com a história de Lolo, particularmente quanto à evolução ali mostrada,

A evolução do homem, das suas conquistas. Então ele começa falando da caverna, do homem da caverna, das suas necessidades. E aí vai havendo um progresso. Então ele fala, ele conta a história do homem e me identifiquei por isso: surge o homem – e a gente veio de onde? Da caverna! Fala da origem, da sua construção intelectual, das suas necessidades. A identificação está nisso: como me construo, que a evolução do homem se faz assim. Ela vai se construindo no decorrer do tempo, que da necessidade ele vai se construindo. E depois ele percebe que não é tanto assim, que a gente não é o ter, é o ser: a gente pode construir os dois lados juntos. Não só o lado do ter, mas do ser, dá pra ter tudo junto, tudo ao mesmo tempo... No final do livro ele fala: “Vamos voltar às origens?”. Por quê? Porque a gente sente falta disso, dessa simplicidade. A gente acaba adquirindo a questão do ter, ter, ter e não a essência... E o gostoso é a essência, a gente não pode se perder da questão dos relacionamentos. A gente vai colocando as necessidades pelas coisas e essas coisas impedem que a gente possa ter uma relação mais significativa, mais forte com o mundo, de ver o outro. As coisas se interpõem entre as pessoas e aí a gente vai se distanciando.

Ruth remete, portanto, ao aspecto que apresenta como um dos fundamentais do livro: a evolução humana, sua trajetória de enfrentamento das dificuldades. Segundo sua leitura, nesse percurso construíram-se soluções no aperfeiçoamento das capacidades de inventar, pensar, superar - ainda que haja ocorrido a perda daquilo que seria fundamental na vida, o estar com o outro. Observo a relação entre a narrativa literária que localiza ficcionalmente a origem da criatividade humana, do estar junto e da inovação tecnológica, com a preocupação de Ruth de ressaltar sua origem social. Nesse diálogo que se estabelece entre as afinidades literárias e a identidade do sujeito, da constituição e expressão de uma subjetividade formada ao longo de

uma vida, estaria uma das balizas de compreensão do seu trabalho com o livro aqui citado, bem como sua opção por outras obras lembradas por ela.

Conversar sobre o tempo com as crianças, as mudanças e permanências ao longo do tempo por meio da literatura, remete à possibilidade de apresentá-los ao mundo. Esse movimento inclui o conhecimento e respeito por aquilo que as crianças são e conhecem e, a partir disso, oportunizar momentos de contato com a cultura e sua realidade:

[...] E você traz esse conteúdo junto com a vivência deles, então o entendimento do contexto histórico e geográfico fica melhor porque eles vivenciam algumas coisas. Então, as enchentes, porque a nossa região, a região em que a gente trabalha, é uma região que sofreu muito enchente antes de construir o viaduto, canalizar aquele rio: ali era uma região muito agredida! E a região mais para baixo, do Jardim Romano, também. E aí você trabalha a questão do lixo e a questão histórica disso. E você trabalha da política, do eleitorado, e aí você trabalha na época das eleições... Você aproveita a realidade deles, o que vai acontecer, e você conversa. E você faz isso que horas? Na hora da leitura, na hora da roda de conversa, quando eles vão contar o que eles fizeram, e você vai trabalhando esses conceitos sobre a história, sobre a geografia, o que acontece - e é muito produtivo! Porque eles vão dando, eles vão falando da realidade deles e você traz "Sabe por que está acontecendo isso? É que acontecia isso..." e aí ele vai criando. Você vai fornecendo dados para ele criar essa questão do tempo: do ontem, do hoje e do que pode ser amanhã. Como é que eles podem interferir nisso se eles tiverem conhecimento, se eles estiverem instrumentalizados para mudar essa realidade.

O ensino de História, para a entrevistada, ensejaria uma alternativa de compreensão e possibilitaria, ainda que sem garantias, um caminho para a transformação da realidade. O conhecimento adquirido na escola, de modo semelhante ao que Ruth reelabora ao olhar sua própria trajetória, seria uma via possível de formação e perspectiva de vida e trabalho.

### **Algumas considerações**

O ensino de História para crianças pequenas é um dos desafios enfrentados na Educação Infantil. Ruth indica a possibilidade de diálogo com a literatura infanto-juvenil, a identificação e articulação de noções de História por meio das pistas e enredo que a ficção propõe à criança. Nesse diálogo entre ensino, história e literatura - travado em sua carreira e também durante nossa conversa; evidenciou-se a complexidade dessa tarefa e os modos elaborados por Ruth em seu enfrentamento - em suas palavras, a construção pela criança de um "baú de memórias" que seria acessível em outros momentos de sua vida. Para tanto, a professora mobilizou e ressignificou pontos de vista e sentidos constituídos ao longo de sua

trajetória de vida e que reverberam, igualmente, na sua perspectiva e experiência de aprendizado e ensino de História.

A abordagem (auto)biográfica apresentou-se como alternativa profícua no trato de questões tão delicadas e difíceis de apreender como as práticas de ensino e seu impacto sobre a pessoa da professora. Pensar nas articulações entre os elementos aqui explicitados, e outros ainda a explorar na pesquisa de mestrado, é parte dos caminhos apontados no esforço de compreender as relações entre a identidade de um grupo de professoras de Educação Infantil e sua relação com o ensino de conhecimentos históricos.

### **Referências bibliográficas e *website* consultado**

ABUD, Kátia. Aprender História por meio da Literatura. In: ABUD, Kátia; ALVES, Ronaldo C.; SILVA, André Chaves de M (org.). *Ensino de História*. São Paulo: Cengage Learning, 2010; p. 41-58.

*Biblioteca Eva Furnari*. Disponível em: <<http://www.bibliotecaevafurnari.com.br/>> Acesso em 12/09/2014.

COOPER, Hilary. Aprendendo e ensinando sobre o passado a crianças de três a oito anos. *Educar em Revista*, Curitiba, Número especial, 2006; p. 171-190, 2006. Editora UFPR. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602006000400010&lng=pt&nrm=iso&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602006000400010&lng=pt&nrm=iso&tlng=en)> Acesso em 12/09/2014.

FURNARI, Eva. *Lolo Barnabé*. São Paulo: Moderna, 2002.

JOSSO, Marie-Christine. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.32, n.2, p.373-383, maio/ago. 2006.

MORAES, Dislane Zerbinatti. Aprender História com textos literários: entre modelos de interpretação e construção de significados históricos em sala de aula. In: *XXVII Simpósio Nacional de História: conhecimento histórico e diálogo social*, 27, 2013, Natal - RN. XXVII



Simpósio Nacional de História - ANPUH. Natal - RN: ANPUH - Nacional ANPUH - RN, 2013. Disponível em:

<[http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364751366\\_ARQUIVO\\_Comunicacao\\_Dislane\\_Anpuh\\_2013.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364751366_ARQUIVO_Comunicacao_Dislane_Anpuh_2013.pdf)> Acesso em 12/09/2014.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, António (org.). *Vidas de professores*. 2 a. ed. Porto: Porto Editora, 2000; p. 11 - 30.

THOMPSON, Paul. A entrevista. In: THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002; p. 254-277.